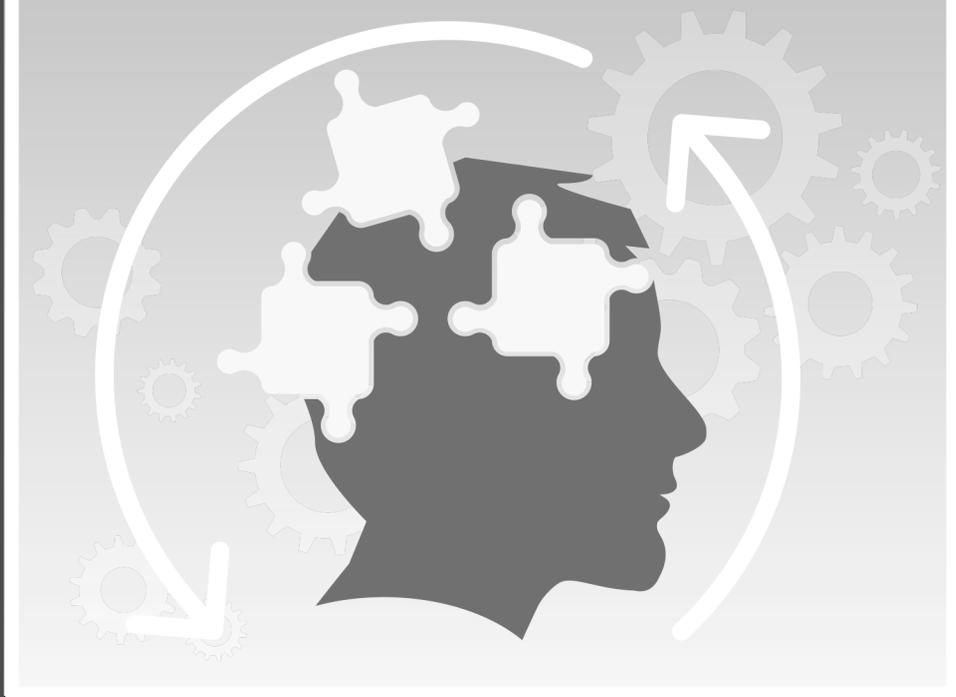


# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



Letras e Linguística:  
Estrutura e  
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Letras e linguística: estrutura e funcionamento

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-453-5

DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga	
Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos	
Asussena Noleto de Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli	
Ernani Cesar de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira	
Juliana Cristina Salvadori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias	
Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>160</b>
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciara Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>172</b>
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.53520021015**

**CAPÍTULO 16..... 183**

**LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES**

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

**DOI 10.22533/at.ed.53520021016**

**CAPÍTULO 17..... 194**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA  
MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Biacchi Brust

Fabiane da Silva Verissimo

**DOI 10.22533/at.ed.53520021017**

**CAPÍTULO 18..... 206**

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES  
ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA**

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.22533/at.ed.53520021018**

**CAPÍTULO 19..... 217**

**A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA**

Conrado Neves Sathler

**DOI 10.22533/at.ed.53520021019**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 225**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 226**

## A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 02/09/2020

**Jônatas de Jesus Tavares Farias**

Universidade Federal do Pará  
Cametá-PA

<https://orcid.org/0000-0002-5057-3849>

**Gilcilene Dias da Costa**

Universidade Federal do Pará  
Cametá-PA

<https://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

**RESUMO:** Este trabalho integra os percursos cartográficos de uma pesquisa literária realizada na escola básica, vinculada ao projeto de pesquisa “Uma educação no *dorso do tigre*: literatura e experiências formativas” (PIBIC/UFPA), em que buscou-se experimentar os processos de leituras literárias por um movimento de encontros e produções de sentidos entre a palavra poética de Manoel de Barros e aprendizes leitores. Os encontros aconteceram em espaços formativos da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, localizada na cidade de Cametá, no Pará. Intenta-se, pela poética de uma literatura-viva, provocar e abrir espaços-outras à prática da leitura no ambiente escolar. Nestes percursos cartográficos, adentramos nos escritos filosóficos-literários de Deleuze & Guattari (1995), com seus devires e desterritorializações, os estudos de Passos et. al. (2016) e Rolnik (1989), no tocante à cartografia rizomática como método de pesquisa. Voltando-nos às escritas poéticas

de Manoel de Barros (1999; 2008; 2010; 2015), construímos *intermezzos* nessas travessias literárias, perpassando experiências formativas, vivências plurais e um habitar-outro da palavra poética no espaço escolar, num volvem-se nas intensidades dos encontros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia, Devir-criança, Literatura-viva, Manoel de Barros, Escola Básica.

### TICS OF MANOEL DE BARROS AND THE BECOMINGS OF LITERATURE: CARTOGRAPHIC PATHS IN BASIC SCHOOL

**ABSTRACT:** This work integrates the cartographic paths of a literary research carried out in basic school, linked to the research project “An education in the *back of the tiger*: literature and formative experiences” (PIBIC/UFPA), in which the aim was to experiment the processes of literary reading by a movement of meetings and productions of meanings between the poetic word of Manoel de Barros and apprentice readers. The meetings took place in the formative spaces of the São João Batista Municipal Elementary School, located in the city of Cametá, Pará. Through the poetics of living literature, it is intended to provoke and open other spaces to the practice of reading in the school environment. In these cartographic paths, we enter the philosophical-literary writings of Deleuze & Guattari (1995), with its becomings and deterritorializations, the studies of Passos et. al. (2016) and Rolnik (1989), regarding rhizomatic cartography as a research method. Returning to the poetic writings of Manoel de Barros (1999; 2008; 2010; 2015), we build *intermezzos* in these literary journeys, passing through formative

experiences, plural experiences and a dwell-other of the poetic word in the school space, in a turn in the intensities of the meetings.

**KEYWORDS:** Cartography, Becoming child, Living literature, Manoel de Barros, Basic School.

## 1 | ENCONTROS ENQUANTO POTÊNCIAS

Este trabalho configura-se enquanto uma cartografia dos movimentos da palavra literária no espaço escolar, palavra habitada de multiplicidades, potencialidades e devires. Esta é uma composição feita de mapeamentos dos encontros entre palavra literária e aprendizes-leitores e o ressoar de ecos de experiências, vivências e ressignificações. Dos espaços que se aproximaram. Dos corpos em dança vertiginosa. Do surgimento de linhas intensivas do pensar, do sentir e do estar no mundo enquanto ato criativo de um outro. Um outro mundo e um outro de si mesmo, que erguem-se entre os espaços. Um outro deslizante, entre os corpos que se encontram.

Os encontros aconteceram na Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, localizada na cidade de Cametá, no Pará. As ações constituem parte da aplicação do Plano de Trabalho “A poética de Manoel de Barros e o devir-criança: percursos cartográficos na escola básica”, vinculado ao projeto de pesquisa “Uma educação no *dorso do tigre*: literatura e experiências formativas”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilcilene Dias da Costa (PIBIC/UFPa).

As atividades produzidas pelo projeto abriram travessias de um espaço-outro da literatura no ambiente escolar, potências e encontros com a palavra literária para além do puro utilitarismo sistemático disciplinar, para experimentar a palavra viva de uma literatura que provoque, que sensibilize, que abra espaços-outros na produção de sentidos. Bordejase os limiares dos processos formativos, para que a palavra literária adentre, percorra os labirintos e embrenhe-se no dorso do desconhecido. Espreita-se um processo formativo enquanto vivacidade movimentada pela poética, pela palavra literária aberta. Tem-se, então, os atravessamentos enquanto frestas do múltiplo. Aberturas para as *linhas de fuga*. Um encontro que acene a um por vir. Um movimento contínuo. Uma pausa. Uma busca. Desbordamentos das linhas do educar. Um volver-se ruminante da poética que dança dentro da escola. Movimentar de fragmentos. Atravessamentos. Devires-outros da palavra poética no espaço escolar.

Nesta busca intensa, tecida nas relações do poético literário, do filosófico e do educativo, realizou-se rodas de conversas, dinâmicas, recitações de poesia e oficinas de colagens. Tais atividades permearam-se da poética de Manoel de Barros. Um aproximar de subjetividades. O poeta e o aprendiz-leitor e as ressonâncias estético-formativas desse encontro. As experiências enquanto ressignificações e fruição. Nestes percursos cartográficos, adentramos nos escritos filosóficos-literários de Deleuze & Guattari (1998; 2011; 2003), com seus devires e desterritorializações, as noções de experimentação com a

obra literária, os estudos de Passos et. al. (2016) e Rolnik (1989), no tocante à cartografia rizomática como método de pesquisa. Voltando-nos às escritas poéticas de Manoel de Barros (1999; 2008; 2010; 2015), construímos *intermezzos* nessas travessias literárias, perpassando experiências formativas, vivências plurais e um habitar-outro da palavra poética no espaço escolar, num envolvem-se nas intensidades dos encontros.

Das incertezas, de onde chega e para onde vai esta palavra literária, do que e como provoca, é que se tem pistas de qual será o próximo movimento e o próximo abismo. Tessituras de intensidades, que movimentam-se num vaguear disto que possibilita a intensidade da própria tessitura. Dos ecos que ressoam por entre as paredes. Vozes que surgem no meio da tarde fervilhante de verão. Por onde caminha esta literatura? Que limiares de fuga ela habita? Que ressonâncias carrega? Que espaços se criam nos encontros? Que poéticas nascem desses encontros? Aberturas? Devires? Que variações sofre? Que geografias percorre? Que fronteiras perpassa? Onde tocou a poética manoesca? Que atravessamentos emergiram na poética, no aprendiz, no pesquisador, na pesquisa? Que poéticas falam o desconhecido?

## 2 | CARTOGRAFIAS: DEVORAÇÃO E DESERTOS

Pensar uma cartografia enquanto construção de método de pesquisa é guiar-se por pistas, que movimentam o próprio pesquisar como um desconhecedor. Um caminhar em direção ao abismo. Tem-se espaços, terrenos, territórios desconhecidos. Como atravessar estes desconhecidos? Para além de um caminhar, como atravessar e perfurar os territórios desconhecidos? Como fazer aberturas, espaços outros e abismos na palavra literária? Não um outro território deste que se já tem a princípio, um outro território que atravesse este que se apresenta. Desconhecido E desconhecido. Desconhecido de desconhecido.

As singularidades que se mostram a partir de encontros destes espaços invocam um percorrer. Há de se conhecer os espaços atravessados e os atravessantes. Antes, tornar estes espaços aberturas, pela própria ação de abri-los. Perfurá-los ao ponto de deixá-los outros. Atravessá-los até que estejam em movimentações, até que não se saiba ser um ou outro, mas um E outro, este E aquele E outro.

Como percorrer este espaço que se desdobra e desborda em tantos outros espaços? Nos espaços onde se cruzam intensidades, acompanhar os movimentos contínuos. Um estar atento. Nos desdobramentos e desbordamentos tem-se movimentações. As implicâncias desses movimentos criam geografias [*Linhas de fuga?*]. Espaços que se deslocam por entre os mundos que se aproximam. Um próprio estar em movimento que os constitui. Atentar-se a este movimentar é o processo de ser atravessado e deixar-se atravessar. Movimento-pesquisa. Movimento-aprendiz-leitor. Movimento-pesquisador. Movimento-palavra-literária. Entrecruzamentos de intensidades. Encontros labirínticos. Tece-se relações entre os espaços, entre os territórios. Espaços múltiplos. Espaços-entre.

Cada variação em um território atravessa o cartógrafo, a pesquisa, a palavra literária, o aprendiz leitor. Movem-se paisagens. Capturam-se intensidades. Vovem-se linhas. Espaços em rasgo. Aberturas em vertigem. Territórios insurgentes. Existências em movimento. Um processo de desconhecer tudo e todos que perpassam o pesquisar. Pistas de um movimento por vir. Subjetividades lançadas ao frenético movimento do desterritorializar. Destes espaços devem outros, territórios que não estes. Terrenos movediços. Habitar territórios existenciais. O movimento cartográfico de habitar prolifera-se no peregrinar desertos. Torná-los habitações por estes espaços de ermo que se dissolvem a cada assentar. Povoamentos desconhecidos. Torna-se nômade nos espaços literários. Ir do deserto ao abismo, provocar o deserto enquanto habitação. Disto que às noites se tem abrigo e aos dias se tem aridez. De um completo não-saber guiado pelo tracejar do que ecoa. Habitar o existente deste que se atravessa e tornar-se outro. Oásis. Povoamento de desertos. Vazios e silêncios abertos à criação. Pistas incertas. O pesquisar movimentado por conexões cartográficas. Uma aposta.

[...] a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (PASSOS et. al., 2016, p. 57).

O desafio compõe-se em fazer passar ressonâncias e estar aberto para os desafios. Estar atento às teias que conectam relações, modos e subjetivações. Produzir espaços em um movimento livre, em que se teçam outras relações, outros modos, a partir do encontro entre subjetividades. Há toda uma construção que se faz em torno do espaço em que se pesquisa, deste que adentra e desconhece. Traçar um percorrer, pelo por vir do que se lança à frente. Atentar-se às modulações dos espaços percorridos. Movimentar-se junto a. Permanecer nas superfícies, até um próximo movimento, que se lance ao desconhecido. Talvez tornar-se um próprio território, desconhecer-se para desconhecer. Movimentar-se, acompanhando o movimento de toda esta rede de forças que se tece no meio do pesquisar. Como afirma Passos et. al. (2016, p. 57), cartografar, na tessitura das conexões, seria “[...] entrar em relação com os heterogêneos que o cercam, agir com eles, escrever com eles. São essas também a proposta e a aposta da cartografia”. Beirar outro desconhecido. Ir além do “dar voz a”, estar junto a, escrever junto a, experimentar junto a. Seria este o povoamento de desertos a percorrer nos espaços literários?

A cartografia é o movimento neste incerto que se compõe nas relações. Dos afetos que perpassam as superfícies. Das mudanças nas geografias das subjetividades. De um todo que se constitui no fragmentário. De espaços de abismos entre os territórios existenciais. Não há de se nomear afetos, nem representá-los, mas acompanhar os processos de desmanchar de mundos e criação de mundos-outros. Trazer ao acompanhar todo o povoamento que devem destes mundos-outros. Rolnik fala de um cartografar enquanto antropofagia, ressoar de ecos e afetos que pedem passagem.

Sendo a tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989, p. 16)

Movimentar-se pelo tempo e linguagem de si e de outros. Perceber que constituições pairam sobre o pensar a literatura, como a cartografia, enquanto uma aposta. Um movimento desejante. Movimento que traceja espaços, nos ermos dos espaços, para o povoamento. O atravessamento se faz enquanto linguagem e o devorar enquanto ato cartográfico requer atenção, um observar sem focar apenas num determinado território. Mas perceber as vibrações de cada espaço, nos encontros com o outro. Traçar movimentos de aproximações e perceber efeitos-subjetividades regurgitarem à sala de aula, onde dançam a vivacidade da palavra literária e as aberturas que se fazem, pelo próprio dançar, no corpo-território de uma escola.

Experimentar a potência dos encontros, sentir a travessia das multiplicidades de vozes, percorrer os espaços desconhecidos da leitura, cartografar, impulsionar abismos, criar. Pelas travessias enquanto pesquisar peregrina-se. O que pode um cartografar antropofágico? Como percorrer os territórios escolares, que geografias intensivas experimentar nesses deslocamentos dos espaços formativos, filosóficos-literários?

### **3 | DEVIRES: CORPORIEDADES MOLECULARES**

O menino brinca na beira do rio. Na beira das palavras e na beira dos ermos. Pensa o deslimes do vivido, torce as palavras até a seiva, se move por entre as frestas. Há abismos que povoam os vazios do menino. E o menino aprende que as palavras dão conta de falá-lo, tanto quanto o silêncio. É por esta sensação de quase liberdade que o menino vagabundeia às margens da solidão. Assim conhece o povoamento das palavras, torna-as vozes de si. Pelas linhas que o atravessam, monta todo um território que não tem lugar, apenas língua própria e deslocamento. As peraltagens do menino tocam o vão dele, devém outros em suas despavras, desterritorializa em suas poesias. E o menino brinca, o menino se árvore, o menino se rã, o menino se pedra.

Apresentar Manoel de Barros na escola básica, cartografar os movimentos dessa travessia, acompanhar o percorrer da palavra poética pelos labirintos formativos, implicamos estar atento. Afinar os ouvidos. Deixar-se aberto e, conseqüentemente, ser atravessado. Ouvir os ruídos de cada primeiro encontro, perceber atravessamentos, imantações e [re] descobertas. Aguçam-se os sentidos, os olhares e traz-se à sala de aula um espaço, desse que sabe-se não haver necessidades de explicações, um espaço vazio, preenchido pelas despavras manoelecas.

Trabalhou-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, em salas de aulas, com as ações de rodas de conversas, recitação, dinâmicas, leituras e

oficinas. Para a realização do projeto contou-se com a parceria das professoras de Língua Portuguesa, Carla Alice Faial e Valdirene Lacerda, responsáveis, respectivamente, pelas turmas de 9º ano “C” e 9º ano “D”, do turno vespertino. Agradecendo-se a estas pelos horários cedidos às quintas-feiras para as ações do projeto e pela abertura à palavra poética, que possibilitou experimentações, vivências e ecos que ressoam nesta escrita.

O movimentar do corpo de uma *literatura-viva*, no espaço escolar, pela poética manoesca, deu-se pelas intensidades, pelas frestas, pelas aberturas. Adentrar o espaço onde a literatura é comumente utilizada para fins cognitivos e avaliativos desafia o próprio movimentar de uma *literatura-viva*. Busca-se espaços, mínimos que sejam, para que esta literatura possa entrar e permanecer viva. O encontro primeiro entre palavra poética e aprendiz-leitor tensionou espaços já constituídos. Os aprendizes incessantemente indagavam “vale ponto a participação?”, “faz parte da aula da professora?”, “eu tenho que fazer isso aí?”. Estar neste espaço de dúvidas permite que o corpo da *literatura-viva* deslize, passe entre os espaços instituídos, possa ir tecendo pequenos espaços-outros. Traz à palavra literária a reafirmação de seu movimento enquanto experimentação, vivências, reinvenção.

Encontrar Manoel pela primeira vez provocou inúmeros estranhamentos e uma constatação “ele é doido”. Entre a palavra poética, o aprendiz-leitor, o pesquisador, teciam-se zonas de aproximação, espaços ainda desconhecidos. “Ele é uma criança doida!”. Algo se lança no ar, seria este um primeiro encontro onde o desconhecido já são as geografias por vir da palavra poética?

Nas nuances do primeiro encontro, conhecendo possibilidades outras de fruir a poética, os aprendizes instigam-se às quintas-feiras, sempre para um novo. Conhece-se Manoel ao conversar-se sobre suas poesias, adentra-se no profundo de sua palavra ao realizar-se colagens, experimenta-se o corpóreo de suas desinvenções. Devém-se. Os povoamentos tomaram o espaço da sala de aula. Criação de outros espaços. Criação de efeitos subjetividades. Subjetividades que se lançavam para fora. Que labirintos percorre[m] a palavra literária?

O *devir-criança* é o movimento molecular das infâncias e suas desterritorializações. O poeta é uma criança doida, que brinca com as palavras e, no brincar, inventa mundos outros. O atravessamento de sensações, pelas despavras manoescas, geram movimentos intensos, de *linhas de fuga*, de multiplicidades, que se lançam pela própria abertura do atravessamento. A palavra desloca o pensamento ao abismo, torna o encontro um percorrer disto que se desconhece. E no desconhecer, das sensações e das subjetividades, desconhece-se a si mesmo. Potencializam-se espaços que vibram ao toque da palavra poética. Exercem-se capturas de intensidades. Encontros, zonas de indiscernibilidade. Geografias do pensamento perfuradas pelo contínuo do *devir*.

Entre encontros promovidos, chega-se à sala o pesquisador, “professor”. Deixa sobre a mesa alguns livros de Manoel de Barros. Senta-se sobre a mesa. Relembra das

ações passadas e de impressões ditas sobre o poeta pelos aprendizes-leitores. Apresenta a proposta, uma roda de conversa. A sensação do “ter de falar” traz receio. Monta-se um pequeno círculo, próximo à mesa do “professor”. Inicia-se uma música baixa, movimentase uma caixa de madeira entre os integrantes do círculo. No parar da música retira-se um papel de dentro da caixa e inicia-se a roda de conversa. Há labirintos aqui?

O primeiro encontro, no parar da música, é com Bernardo da Mata, este tomado de silêncios, quase árvore. Este que é “percorrido de existências”. O encontro requer um reler. Há algo em Bernardo que movimenta o pensamento, deixa-o sem comparações. Ler-se Bernardo novamente, mais calmamente. Há o silêncio do escutar. Há um outro silêncio. Este que compõe-se dos movimentos do pensar, da geografia deslocada. Um silêncio que incomoda. Silêncio onde as palavras percorrem zonas de fuga. Nada dito, o silêncio de Bernardo captura, tece encontros, zonas de aproximação. O guardador de águas parece tomar para si as palavras. Causa estranhamentos e povoa de silêncio os sujeitos aprendizes. “Prende o silêncio com fivela”.

O que provoca o silêncio? O encontro? Bernardo? Que povoamentos atravessam este silenciar? É este um silenciar de Bernardo ou o silenciar de um outro silêncio, um silêncio povoado? O ato do encontro é a leitura, o tecer contato entre o novo que se apresenta pelo tato, visão. Toque e nuances. Um desconhecido que se apresenta, um abismo diante do olhar. O silêncio talvez venha do próprio entrar em contato. Do perceber um movimento que se lança ao aprendiz-leitor, experimenta-se o silêncio pelo ato do encontro. Silencia-se pelo ato de proferir os silêncios de Bernardo. Neste ato do encontro, a leitura, provocaria “[...] um diálogo entre o dito e o não dito do texto, entre o que a palavra entrega e o que retém, [...] sendo o não dito o lugar essencial de onde ressoa o sentido” (LARROSA, 2003, p. 101). O experimentar de uma composição de sentidos e sensações que atuam no silêncio, um silêncio povoado de espaços moleculares, travessias de abismos.

O próximo movimento traz as inquietações do aprendiz-leitor. Conversa-se sobre as movimentações do mundo político, as questões da sociedade, os cenários em que estão inseridos os aprendizes-leitores. O espaço para que eles possam expressar suas percepções atravessa a poética, abre-se um espaço de conversa, questionamentos, incompreensões. Um espaço que percebe-se enquanto vívido, desejado, espaço de vozes múltiplas, de intensas vibrações. As questões que se levantam fazem parte do que se vive cotidianamente pelos aprendizes. Um momento, dentro de sala de aula, em que possa-se pôr em movimento identidades, vivências e inquietudes, é o momento do perceber-se em um deslocamento do próprio espaço da escola. Movimenta-se o corpo de uma escola, pela própria povoação dos espaços, “dar línguas aos afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 1989, p. 15). O rio que se abre traz uma geografia de intensidades, abre fissuras na existência. Territórios de passagens, de vivências e de afetos. Espaço de encontros com mundos outros pela palavra poética entre aprendizes-leitores.

Estar diante do poeta e sua matéria de poesia, de sua voz ao abandono, seus deslimites, cria espaços de potências. Fala-se, conversa-se e atravessa-se os territórios da poética manoesca, até onde percorre-se? As linhas tecem-se pelo desconhecido das desp palavras. Conhece-se Manoel como os dois seres que o são,

[...]O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades.

O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades frases.

(BARROS, 2015, p. 135)

Conhece-se os achadouros de Manoel, espaços dos movimentos de outrora, onde as paisagens percorridas guardam fragmentos de infâncias. O descobrir dos achadouros, pelos aprendizes-leitores, provocam outras infâncias, de um provocar que desloca as lembranças fazendo-as percorrer os labirintos de outros espaços, de fragmentos, de dispersões, geografias-outras, atravessando as superfícies dos tempos das infâncias, criando-se aberturas para as *linhas de fuga*. Manoel transita pelos espaços e tempos das infâncias, diz ser “[...] um caçador de achadouros de infância. Vou dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos” (BARROS, 2008, p. 59). Percorre-se vestígios de infâncias, fragmentos que se lançam às vozes, aos gestos, aos olhares e aos silêncios.

Aproxima-se das imagens de Manoel, de suas desinvenções, de seu exercício de transver e de desregular a natureza, pelas suas desp palavras. Os aprendizes falam de uma outra visão, uma outra forma de perceber o mundo, de movimentar-se pelas intensidades das palavras. Palavras, destas que empobrecem imagens, como enseada, destas que percorrem mundos-outras, como “[...] uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa” (BARROS, 2008, p. 25). As desinvenções de Manoel, seus ermos, suas matérias, seus silêncios, seus seres, seus estados de árvores, seus povoamentos e vazios, perpassaram os encontros com os aprendizes-leitores. Volveram intensidades, multiplicidades, movimentaram, deslocaram territórios, potencializaram vestígios e fragmentos, criando-se zonas de aproximação, aberturas e labirintos.

A poética de Manoel de Barros tornou-se íntima dos deslugares que insurgiam no espaço escolar. Palavra vibrátil. Corpóreos que se aproximam pelos movimentos moleculares, pelos fragmentos de uma palavra que se constitui nos vestígios, nos desconhecidos e no desmanchar e criar de mundos-outras. Experimentou-se a palavra literária pela desinvenção. Adentrou-se a sala de aula com uma poética de chão e pinturas da artista plástica Martha Barros, filha de Manoel de Barros. Um encontro tomado de potencialidades, de revisitações e movimentações do transver. Que espaços percorre-se neste encontro? Que multiplicidades lançam-se pelas aberturas da palavra poética? O que pode uma não-palavra poética no espaço escolar?

Os encontros ecoam infâncias-outras. De um experimentar do primitivismo das palavras, neste *interior sem móveis* que se cria no próprio encontro. Um estar diante de um desconhecer dos sentidos e significados, atravessar espaços cujos vazios são o povoamento. Um desconhecer que o primitivismo carrega. Um toque que vibra no primitivo de infâncias.

Adentrar na palavra poética deu-se pelo ato da desinvenção, desta que Manoel fala,

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.  
Dar ao pente funções de não pentear. Até  
que ele fique à disposição de ser uma  
begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não  
tenham idioma.

(BARROS, 2008, p. 11)

A potencialidade da desinvenção atravessa geografias do pensamento, traz ao pensamento uma [des]imagem, um outro espaço, nas palavras dos aprendizes-leitores: “uma outra dimensão, uma dimensão [a-]paralela”. Ao entrar em contato com a poética da desinvenção, os aprendizes puderam aproximar-se das pinturas de Martha, iniciando um intenso movimento de vibração, de deslocamentos de sentidos, exteriorizando as insurreições que atravessavam o *interior sem móveis* do experimentar de uma palavra literária que desliza entre as matérias. O poético do que se lança ao olhar provoca “agonia, por não saber o que significa esta pintura”, “tontura, dor de cabeça, não consigo entender”, “lembranças, lembro do meu pai me levando para a escola”, “lembro de minha cachorra”, “não vejo nada”, “não sinto nada”, “gosto do absurdo das imagens”. Sensações, territórios, não-sentidos, ecos, todo um emaranhado, do que se diz e do não-dito, do verbalizado e do que atravessa, deste vibrar, que ainda não tem nome, de um afetar-se que não possui idioma, variações. “Uma criança comeu um livro cheio de passarinhos e vomitou aqui”.

A experiência de estar em contato com a poética manoesca cria espaços de espaços, embrenha-se em territórios desconhecidos, adentra-se e percorre-se o labiríntico dos corpos, movimenta-se pelas frestas, pelos espaços e tempos que atravessam o corpo da *literatura-viva*. Embrenha-se neste não-saber das palavras, por um sentir que percorre atravessamentos e geografias-outras, pela sensação causada pelo não-saber. Neste território de desconhecidos potencializam-se as danças moleculares, o movimento de *devir*, de desterritorialização, deslocamentos de geografias. Um vibrátil do espaço-entre da poética, das singularidades, dos encontros. A vibração de um espaço em que habita-se o desconhecido, as linhas de uma geografia por vir. Este espaço da poesia manoesca, de um encontro enquanto labiríntico, da agonía, do sentir-se deslocado do próprio sentido da experiência, este espaço permeado “[...] pela imagem do ilegível: aquilo que chama a atenção, mas que não dá nada a ver, aquilo que dá sinais mas cujo sentido não pode ser interpretado” (LARROSA, 2003, p. 67). Desperta-se no corpo, nas

sensações do estar em movimento pelo desconhecido, o estar atento, o sentir que perfura o pensamento, deslocando espaços e criando mundos-outros, labirintos-outros. A palavra poética percorrendo o corpo, devindo o desconhecido. Intensidades fluindo em zonas de aproximações corpóreas. Um corpóreo manoesco e um corpóreo aprendiz. Manoel diz:

Eu escrevo com o corpo

Poesia não é para compreender, mas para incorporar

Entender é parede; procure ser uma árvore. (BARROS, 1999, p. 212)

Buscar habitar o desconhecido, experimentar o corpóreo habitar o poético, disto que percorre as geografias do próprio corpo, disto que movimenta as subjetividades, as sensações e os espaços. Um próprio desconhecer-se.

O desconhecido instiga os instintos. Torna audível o que não se diz. Produz imagens de um vazio perfurante. Atravessa multiplicidades. Compõe-se de deslimites, de uma palavra que busca a nudez de si. Ecos que vociferam. Palavras habitadas de ruínas. Sentidos que deslocam-se. Toques vibráteis. *Devires*.

Os encontros com Manoel de Barros e sua poética exteriorizaram confluências que insurgiram nos espaços sem móveis do interior desses encontros. Corporeidades. Intensidades de movimentos, todo um regurgitar de subjetividades. Toda uma intensidade que demanda desconhecer a palavra, a própria língua e a si mesmo. Como que lançando-se para fora um outro que ainda se é, um desconhecido que em seu labiríntico movimento devém entrelaçamentos que vibram ainda vestígios do que se é, do que se foi. Um completo estar aberto, um permanente atravessar e atravessamento. Toda uma geografia por vir.

#### 4 | LITERATURA-TRAVESSIA

As possibilidades dos encontros, os *devires* e experimentações deram-se pela abertura da palavra literária. A palavra que compõe-se no movimentar das geografias. *Literatura-viva*, um por vir da palavra poética. As potências da palavra que urge nos ecos, nas intensas aproximações, no volver-se de corporeidades e encontros. Palavra habitada. Silêncio materializado. Aberturas.

O habitar da literatura viva no espaço escolar fez-se pelas frestas. Um movimento contínuo de adentrar labirintos, desconhecidos do espaço formativo. A palavra literária ecoou, afetou, perfurou, atravessou e manteve-se vagante, andarilha. Uma *literatura-viva* que vagueia com vestígios, coberta de despalavras. Uma palavra potente que vagabundeia pelas linhas do pensar, desfaz as fronteiras, torna-se espaço em que caminha seu próprio território desconhecido. Palavra literária que atravessa os tempos e espaços. Desmanchando e criando mundos. Atuando efeitos-subjetividade. Fazendo reinar o silêncio. Tornando ermo espaços do muito falar. Povoando. Desterritorializando. Devindo.

A *literatura-viva* fez-nos caminhar pelas incertezas, pelos espaços de agonia, de riso, de surpresa, de *devires*, de absurdos. Levou-nos aos ermos de Manoel, ao silêncio de Bernardo, ao vagabundear das palavras, ao eco das imagens perfurando os corpos. A palavra poética manoesca reafirmou-nos, tornou-nos outros, povoou. Existem abismos que a poesia de Manoel de Barros criou-nos, existem ruínas dos atravessamentos, matérias lançadas ao pensamento. Encontros que dilaceraram, afetaram, vibraram. E deste movimentar da palavra literária a poesia se faz viva, a potência dos encontros desfaz as fronteiras do pensar. Todo um toque, uma afetação, um carregar de vestígios que acompanha-nos pelos vageares deste desconhecidos nos deixados.

O exercício vital da escrita, a necessidade de dizer o que lhe povoava, o potente da travessia de Manoel, que se fez em suas despalavras, tocaram-nos. Num toque quase imperceptível, que faz tremer o corpo e produzir intensidades, lugares de ruminação, espaços de habitar-se o silêncio e, aos poucos, abrir-se a um vir a ser. Um completo silêncio que assola ao tempo mesmo que preenche. Fragmentos da palavra poética de chão, sapo, pedra, criançamentos, reinvenções. Desta escrita habitada, atravessante e atravessada, percorreu-se espaços e povoou-se a pesquisa. O múltiplo da poética manoesca e o múltiplo que pulsa o corpo escolar provocaram espaços-outros, num potencializar do espaço habitado. A dança da *literatura-viva* percorreu e ressoou espaços-formativos-outros, transcendeu, transgrediu, metamorfoseou, operou *devires*.

Experimentou-se o poético de Manoel de Barros, adentrando mistérios. Abrindo-se o peito em um volver de sensações, intensidades e vias de dispersão. Conheceu-se o estranhamento, deste que Skliar fala, “a escrita e a leitura poética supõem uma perda do controle, que as palavras façam sua travessia em mim, que meu corpo seja o lar da linguagem” (SKLIAR, 2014, p.168). A potência das travessias. Uma palavra poética que atravessa tempos e espaços, corpos, geografias e *devires*.

Cada espaço percorrido e estes que permanecem desconhecidos tornaram-se a jornada, de um lançar-se ao abismo da palavra, de habitar-se nos deslimites e adentrar-se no corpóreo da literatura, tornando-se corpo-outro da poesia. Há um silêncio que rodeia, inquieta, atravessa e materializa ermos. Há toda uma geografia da poesia por vir. A palavra poética permanece tomada de aberturas. As composições desta construção cartografam movimentos de um contínuo poético a se embrenhar no desconhecido espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Gramática Expositiva do Chão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **O livro das ignorâncias**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

\_\_\_\_\_. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Neto e Célia Pinto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA; TEDESCO (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum – v.2. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Carto**

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

### E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

### F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

### I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

### J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

### L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

## **M**

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

## **N**

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

## **P**

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 